



ABY WARBURG E A DIALÉTICA DE AGOSTINO DI DUCCIO NO TEMPLO MALATESTIANO

LUANA M. WEDEKIN¹

¹ UDESC /wedekinluana@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Esta comunicação é fruto de uma investigação das fontes iconográficas do historiador da arte Aby Warburg (1866-1929). Em experiência conjunta realizada em nosso grupo de pesquisa, foram estudados dois monumentos que revelaram a obra de um artista renascentista pouco conhecido: Agostino di Duccio. O foco aqui repousa em uma figura do templo Malatestiano, a Dialética. O complexo conjunto, com fachada projetada por Leon Batista Alberti e interior com mais de 120 relevos de Duccio, testemunham o desenvolvimento deste artista, que vai das figuras das Sibilas até as Musas e Artes Liberais num crescente de desenvoltura e movimento, num dinamismo e expressividade típicos das mônades.

Inicialmente, faz-se uma investigação da iconografia da Dialética, que revela que Duccio não parece ter seguido as formas tradicionais de representação das Artes Liberais. No templo malatestiano, ela aparece como figura feminina em contraposto, vestida com volumoso manto trabalhado em consistente drapeado, marca do entalhe de Duccio. Seu corpo está voltado para a esquerda enquanto sua cabeça e seu olhar voltam-se à direita. Segura duas serpentes empertigadas que fitam uma à outra. A mulher ignora a tensão entre os dois animais e sua expressão facial revela expectativa.

O tema das serpentes percorre o pensamento warburguiano através das figuras de Laocoonte, Asclépio, os Intermezzi de Bernardo Buontalenti, as mônades dançantes com a serpente, a serpente de bronze de Moisés, o ritual da serpente dos Hopi. Para Warburg, não havia símbolo mais adverso e provocador que a serpente, que encarnava exemplarmente a noção de polaridade do símbolo. Das 29 imagens da prancha 25 do Atlas Mnemosyne, 22 pertencem ao templo malatestiano. Vários aspectos podem ter chamado a atenção de Warburg, mas muito especialmente o forte contraste entre a fachada apolínea de Alberti e o interior dionisíaco dominado pelas figuras de Duccio.

São muitos os sentidos da Dialética na filosofia. É, para o contexto do humanismo, a arte da discussão, e, no sentido aristotélico remete à contradição. Na intrigante Dialética de Duccio poderíamos ver então, a afirmação permanente da polaridade do símbolo e de sua contradição? As serpentes encarnariam forças apolíneas e dionisíacas do templo malatestiano e do pensamento renascentista? A postura tranquila da mulher indicaria um processo de sublimação destas forças contrárias? Se a interpretação deve dar vez ao entendimento, o que Agostino di Duccio desejava que entendêssemos?



PALAVRAS-CHAVE:

Aby Warburg. Atlas Mnemosyne. Agostino di Duccio. Templo malatestiano.

PERGUNTAS-CHAVE:

1. Discussões sobre a natureza, concepção e função da Arte e da História da Arte podem ser enriquecidas com a ideia de que devemos entender as imagens e, sobretudo, entender-se com elas?
2. Como evidenciar que é enquanto problema dotado de uma perspectiva histórica que a obra se oferece ao juízo contemporâneo?
3. A decodificação minuciosa de imagens e objetos deve ser compreendida como contribuição da história da arte para outras áreas de conhecimento, num mundo cada vez mais dominado pelos espaços da representação?

IMAGENS:



LEON BATISTA ALBERTI: *Fachada do Templo Malatestiano, c.1450.*
Rimini.

Fonte: a autora.



MATEO DE'PASTI: *Interior do Templo Malatestiano, c.1449-1454.*
Rimini.

Fonte: a autora.



AGOSTINO DI DUCCIO: *Capela das Musas e das Artes liberais do Templo Malatestiano*,
c.1449-1454.
Rimini.
Fonte: a autora.



AGOSTINO DI DUCCIO: *Dialética, Capela das Musas e das Artes liberais do Templo
Malatestiano*, c.1449-1454.
Rimini.
Fonte: a autora.